

Farmácia não vende SAÚDE

DE ASCLÉPIO A BEZERRA DE MENEZES: NÃO HÁ MILAGRES

Afonso Moreira Jr.

A maioria das pessoas deseja curar-se, a qualquer preço, sem despende esforços para alcançar a vitalidade do corpo. Para que tanto esforço se inúmeros produtos, vendidos nas drogarias (ou por intermédio da Internet) prometem devolver a vitalidade da juventude, a plena forma física e o melhor desempenho dos nossos órgãos? Cada vez um número maior de pessoas se automedica, desconhecendo o perigo representado pela ingestão descontrolada de medicamentos que, mesmo sob controle médico, ainda oferecem riscos. Cresce também o número daqueles que buscam a saúde em produtos considerados *naturais*, e que, no entanto, quando consumidos sem orientação médica, podem provocar danos ao organismo. Dietas e regimes, recomendados por amigos, indicados pela mídia ou sugeridos pela literatura de auto-ajuda que prolifera nas bancas de jornais, são seguidos sem precauções ou o necessário acompanhamento médico. Essas e outras panacéias contribuem para o crescimento desmedido do número de doentes, em maior ou menor grau. O médico e escritor Américo Canhoto, autor do livro "Saúde ou doença: a escolha é sua" (São Paulo: Petit Editora), se detém nessa realidade: "A cura como necessidade de mudança definitiva na forma de pensar, sentir e agir, de reformular hábitos e eliminar vícios prazerosos é evitada, pois, às vezes, exige decisões contundentes na maneira de escolher, separar, avaliar".

A medicina na antiguidade

"Quantas doenças e enfermidades resultam da imprudência e excessos de toda ordem", adverte o quinto capítulo de "O Evangelho Segundo do Espiritismo", de Allan Kardec, que também adverte: "Deste modo o homem é, na maior parte dos casos, o autor de seus próprios infortúnios, mas, ao invés de reconhecer isso, acha mais conveniente e menos humilhante para sua vaidade acusar a sorte, a providência, o azar, sua má estrela, quando, na verdade sua má estrela é a negligência". Atribuir a causa das doenças a fatores externos é uma crença arraigada desde a Antiguidade. No Egito, acreditava-se que a doença era causada pela possessão dos demônios e o exorcismo era uma das artes curativas mais valorizadas naquela época. Remonta a essa época a existência de Imhotep, considerado um dos maiores sábios do Egito. Sacerdote e médico, foi grão-vizir, sumo-sacerdote, arquiteto, escriba, astrônomo, mago na corte de Zoser, faraó da terceira dinastia, por volta de 2.900 a.C. Para obter-se a cura, apelava-se diretamente às divindades. Considerado o patrono dos médicos da atualidade, há muitas indicações de que o deus grego Asclépio tenha sido, realmente, um grande médico e que, desencarnado, manifestava-se em espírito para auxiliar aqueles que o evocavam. Dando um salto para os dias de hoje, essa consideração nos leva a um exemplo semelhante, porém embasado na realidade, daquele que foi considerado, por sua atuação social, o "Médico dos Pobres", doutor Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcante (1831-1900), que além de médico, político, empresário, escritor foi um espírita atuante, presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), no Rio de Janeiro. Patrono da Federação Espírita do Estado de São Paulo (Feesp), o Espírito Bezerra de Menezes está à frente da Fraternidade dos Humildes, que reúne espíritos na mesma sintonia do seu mentor, dedicados à cura do corpo e da alma. Um dos maiores

Farmácia não vende SAÚDE

divulgadores do Espiritismo no Brasil, foi um abolicionista determinado, político íntegro e idealista. Ainda encarnado, consta que nunca negou atendimento médico àqueles que não podiam pagar por suas consultas – desdobrava-se para atender gratuitamente a população carente que batia à porta de seu consultório, doando remédios e alimentos.

Curas espirituais O trabalho espiritual desenvolvido pelo Espírito Bezerra de Menezes e seus seguidores – como também o de outras entidades dedicadas a essa tarefa – realizado principalmente nos centros espíritas, assemelha-se à situação de Asclépio, o deus grego, que se apresentava nos templos de cura dedicados ao seu culto. Registros que datam de 600 A.C. indicam que o mais antigo santuário dedicado a Asclépio localizava-se em Trica, na Tessália. Outros templos foram erguidos, Epidauro, na Argólida – aquele que ganhou maior projeção – em Atenas, Cós, Pérgamo e Roma. Esses desses edifícios eram geralmente erguidos próximos de bosques e fontes de águas minerais. Segundo constam de inscrições que se destacam nesses locais, a maioria daqueles que recorriam a Asclépio o faziam depois de esgotar as possibilidades de cura junto aos médicos da época. Ao chegar no templo, o doente oferecia um sacrifício ao deus, recebia um banho purificador e era conduzido a um recinto considerado sagrado, onde adormecia. Durante o sono, o próprio Asclépio apresentava-se indicando procedimentos para ajudar o enfermo a recuperar-se. Quando o deus não pontificava nos sonhos, era representado por suas sacerdotisas. Sugeriam-se, habitualmente, banhos, chás, massagens, viagens de repouso, sacrifícios. ■ Colaboraram: Dirce Yukie Yamamoto e Adriana Maria Cláudio